

ORNITOLOGIA - Pág 5, 6, 7 e 8

POLÍTICA E ASSOCIAÇÕES DE DEFESA DO AMBIENTE- Pág 3 e 4

EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA FAJÃ DE BAIXO - Pág 9

## EDITORIAL

### O QUE ENTENDEMOS POR ECOLOGIA

"Ecologia é uma palavra simples. Quer dizer que o homem, como todas as espécies vivas, está incluído num meio que compreende a Natureza, os outros homens, e que não pode permitir-se destruir esse meio sem se destruir a si próprio" (René Dumont).

O termo ecologia foi usado pela primeira vez, em 1866, pelo biólogo alemão Ernst Haeckel, na sua obra *Generelle Morphologie der Organismen*. Segundo ele, a ecologia é a "investigação das relações totais do animal tanto com o seu meio ambiente orgânico como inorgânico".

A ecologia, que só a partir de 1919 deixou de ser um ramo da Biologia, pode ser definida como a ciência que estuda as condições de existência dos seres vivos e as interações entre eles e o seu meio ambiente.

A interacção existente entre a sociedade e a natureza fez com que, a partir de certo momento, a ecologia se tornasse, pouco a pouco, em actividade de intervenção político/social.

No conceito de ecologia podemos distinguir duas vertentes: a científica e a social. Estas não podem ser entendidas numa antítese, mas sim como dois aspectos da mesma realidade global. A previsão científica permite orientar a intervenção social e esta corrigir a primeira.

## PALÁCIO DE SANT'ANA RECEBE AMIGOS DOS AÇORES



Uma delegação dos Amigos dos Açores foi recebida em audiência no passado mês de Novembro pelo Presidente do Governo Regional dos Açores.

Seguiu-se uma visita guiada ao Jardim do Palácio de Sant'Ana, durante a qual foram abordados temas relativos à flora e fauna ali existentes. Foi oferecida ao Dr. Mota Amaral uma vidália (*Azorina vidalii*), tendo sido de imedia-

to plantada no jardim.

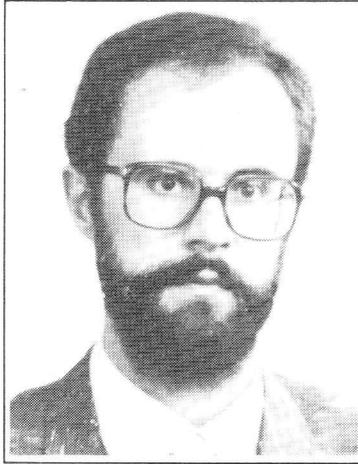
O Núcleo de Ornitologia (NOATA) foi convidado a elaborar um estudo da avifauna que ali ocorre.

O eurodeputado Vasco Garcia convidou ainda os Amigos dos Açores a integrarem uma visita a Estrasburgo em data oportuna.

## ACTIVIDADES PARA 1990

Para além dos passeios a pé e das tomadas de posição públicas acerca dos mais diversos problemas ambientais, o Plano de Actividades dos AMIGOS DOS AÇORES para o ano em curso prevê a realização, entre outras, das seguintes actividades: uma campanha em defesa do pombo-torcaz, um curso de introdução ao estudo e observação de aves, o projecto Bioespel-S. Miguel 90 (a de-

envolver em conjunto com os "Montanheiros" e o Departamento de Ciências Agrárias da Universidade dos Açores), a participação no Projecto Coastwatch Europe 90 e a edição de várias publicações, como uma brochura sobre o Tenente Coronel José Agostinho, uma sobre a Geologia da Lagoa do Fogo e outra sobre "Coleópteros do Nordeste".



Os cidadãos e os grupos de cidadãos comprometidos com a defesa do ambiente foram e são fundamentais ao processo de tomada de consciência ecológica que, hoje, por todo o mundo, com maior ou menor profundidade, é uma realidade.

Desde os finais da década de sessenta que a necessidade de substituir a política convencional de crescimento económico a todo o custo pelo desenvolvimento equilibrado dos vectores sociais, culturais e económicos que consubstanciam aquilo que se passou a designar por "qualidade de vida", começou a ganhar cada vez mais força. Estimulados por um conjunto de indícios preocupantes de progressiva degradação do meio ambiente e da

própria vida, apontando cada vez mais insistentemente para um beco sem saída, surgiram então alguns importantes estudos e iniciativas que vieram corroborar essas preocupações, destacando-se o primeiro relatório encomendado pelo Clube de Roma ao M.I.T. - "Os limites do crescimento" (1971) - bem como a Conferência das Nações Unidas sobre o Ambiente (Junho de 1972). Aquilo que até então apenas algumas minorias se atreviam a defender, passou a ser reconhecido pela generalidade das mais importantes organizações políticas e partidárias, num processo hoje irreversível - "os recursos ambientais, constituem a base e impõem o limite tanto do desenvolvimento económico e social como da qualidade de

vida, sem a qual o progresso económico não tem qualquer sentido", afirma-se mesmo num recente documento da Comissão das Comunidades Europeias, para quem o Ambiente, desde a "cimeira" dos Chefes de Estado e de Governo da Comunidade, realizada em Outubro de 1972, tem sido objecto de vários "programas de acção", o primeiro dos quais adoptado logo em 1973.

Mas, se é um facto que, nos nossos dias, a questão ambiental está presente, pelo menos a nível de intenções, em quase todos os programas dos governos da maioria dos países, principalmente nos dos economicamente mais desenvolvidos, o certo é que, por razões que se prendem, sobretudo, à

"necessidade" de apresentar a curto prazo realizações palpáveis das suas políticas às populações, os governos acabam, na prática, por dar ao Ambiente um lugar subalterno, pervertendo o seu carácter essencial de supervisor e balizador da generalidade das acções políticas. E é neste contexto que se confirma como imprescindível e insubstituível o papel das associações de defesa do ambiente e da qualidade de vida.

"Penso que a causa ambiental avançou de maneira drástica porque todos os grupos de pressão, em particular os grupos ambientalistas, tomaram a dianteira nesta. Só temos de os felicitar. Devemos saudar a sua convicção, a sua tenacidade, o facto de terem sido eles que colocaram o ambiente na ordem do dia. É evidente que eles sempre estiveram mais avançados que os políticos nesta questão." - quem assim fala é o ex-ministro do ambiente do Canadá, Clifford Lincoln, numa recente entrevista a uma revista do seu país, reconhecendo, sem sombra para dúvidas, a importância das associações de defesa do ambiente. E acrescenta ainda que "creio que o ministério do ambiente deveria ser composto, desde a base, de ambientalistas convictos, incluindo o mi-

nistro", opinião esta que vem também reconhecer a tendência que há em colocar nos departamentos governamentais do Ambiente pessoas sem qualquer ou muito pouca formação ou convicção ecológica, bem como alertar para uma das grandes responsabilidades que as associações ecologistas não podem deixar de enfrentar: a de fornecer pessoal à vida político-governativa, quer através de partidos "verdes", quer mesmo através dos partidos tradicionais, já que a ecologia não é um monopólio daqueles e já que a sobrevivência destes passa por encararem a sério a política de ambiente.

Em Portugal, desde Abril de 1987 é reconhecido por lei o importante papel das associações de defesa do ambiente (Lei nº 10/87, de 4 de Abril), definindo-se "os direitos de participação e intervenção das associações de defesa do ambiente junto da administração central, regional e local com vista à promoção do direito a um ambiente de vida humano, sadio e ecologicamente equilibrado". Assim, nos termos dessa lei, é garantido às associações de defesa do ambiente "o direito de participar e intervir na definição da política de ambiente e nas grandes linhas de orientação legislativa", para o que gozam do "direito de consulta e informação

junto dos órgãos da administração central, regional e local" e da legitimidade para "propor acções necessárias à prevenção ou cessação de actos ou omissões de entidades públicas ou privadas que constituam factor de degradação ambiental" e para "recorrer contenciosamente dos actos administrativos que violem as definições legais que, nos termos do artigo 66º da Constituição da República, protegem o ambiente e a qualidade de vida".

Não se colocando em causa e reconhecendo-se mesmo, inclusive a nível legislativo nacional, as virtualidades e o direito de participação e intervenção das associações de defesa do ambiente na vida política, a sua concretização encontra-se agora bastante dependente do interesse e das iniciativas das próprias associações. Mesmo e sobretudo quando as entidades públicas, incluindo os governos ou alguns dos seus órgãos, pretendem fazer tábua rasa de toda a legislação destinada à protecção do meio ambiente e da qualidade de vida, inclusive da própria Lei das Associações de Defesa do Ambiente.

Francisco M.S. Botelho

# ORNITOLOGIA

## NOATA

### Programa de Conservação da Natureza e Ornitologia

#### NÚCLEO DE ORNITOLOGIA - NOATA

#### 1 ANO DE EXISTÊNCIA

O NOATA, desde o seu aparecimento em Janeiro de 1989 até esta data, tem vindo a incrementar nos Açores uma maior sensibilidade no que concerne à protecção e preservação da nossa fauna ornitológica.

Tal empreendimento tem sido conseguido através de várias actividades realizadas pelos seus membros, designadamente em saídas de campo, em acampamentos e visitas de estudo, bem como através de acções individuais ou junto dos meios de comunicação social.

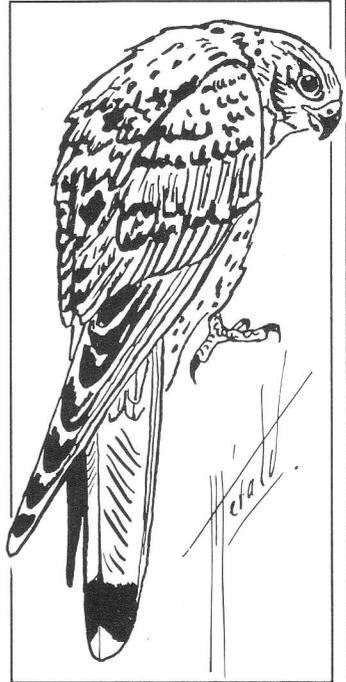
Desta forma o NOATA levou a cabo no Verão de '89 duas visitas de estudo e acampamento: O Projecto Maia e o Projecto Vila Franca do Campo, que incluía uma ida ao ilhéu.

Em Vila Franca do Campo foi distribuído às populações e turistas um desdobrável acerca do ilhéu, no qual era feita alusão às

espécies florísticas e avi-faunísticas que ali ocorrem. Dos objectivos destas actividades salienta-se a sensibilização dos jovens para a importância da salvaguarda do património natural, a realização de censos de aves e o estabelecimento dum grau de aproximação cada vez maior relativamente às espécies avifaunísticas, relacionando-as sempre com a vegetação circundante.

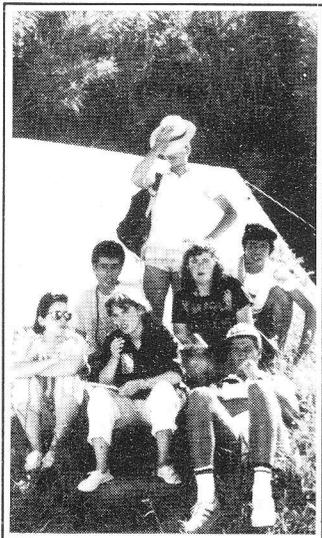
Também numa saída de campo o NOATA explorou a Reserva Natural da Chã da Macela, na qual foi possível colher bastantes informações no que diz respeito à comunidade ornitológica local. O NOATA condena o facto de existir há já bastante tempo um Milhafre (*Buteo buteo rothschildi*) mantido em cativeiro no Posto Cinegético da Reserva e em condições altamente precárias. Sobre esta matéria foi dado parecer por um dos elementos do

NOATA na comunicação social regional.



### PROJECTO MAIA

Regista-se um avanço cada vez maior da população de pardais (Passer domesticus) considerado praga. Há um retrocesso assustador das colónias de aves endémicas, principalmente do canário-da-terra (Serinus canarius canarius). O número de indivíduos da subespécie do milhafre (Buteo buteo rothschildi) é razoável. Ocorre uma vasta colónia de garajaus (Sterna hirundo). Assinala-se a presença de Larus ridibundus, assim como uma boa afluência de Gaivotas argêntas (Larus argentatus). Poucos exemplares do melro-preto (Turdus merula azorensis), Alvéola (Motacilla cinerea patriciae) e pombos-da-rocha (Columba livia atlantis).



### PROJECTO VILA FRANCA DO CAMPO

Bom número de estrelinhas (Regulus regulus azoricus), ocorrência normal de milhafres (Buteo buteo rothschildi). Abundância de melros-pretos (Turdus merula azorensis). Número considerável de Santantoninhos, Tentilhões, Toutos, Canários e Alvéolas, respectivamente Erithacus rubecula, Fringilla coelebs moreleti, Sylvia atricapilla atlantis, Serinus canarius canarius e Motacilla cinerea patriciae.

No ilhéu de Vila Franca do Campo há a registar a observação dum cagarro juvenil anilhado, tendo na devida altura o NOATA entrado em contacto com a entidade responsável pela anilhagem.

Uma das conclusões retiradas desta "expedição" prende-se com a observação de centenas de aves mortas no ilhéu, sem razão aparente para tal. As espécies mais afectadas são a Larus argentatus atlantis e o Turdus merula azorensis.

Como resultado deste trabalho de investigação propomos que a parte Sul do ilhéu de Vila Franca do Campo, para além dos

Metrosíderos, e que é usada pelas aves para nidificação, seja vedada aos turistas e veraneantes, pelo menos durante o período de postura e nascimento dos juvenis.

Durante o resto do ano, que não no período acima referido, esta área poderia ser visitada por quem o desejasse, acompanhado por um guia que zelaria pela preservação das condições ecológicas da área.

No período vedado às populações a zona de nidificação poderia única e exclusivamente ser visitada por investigadores previamente autorizados.



## O PRIÔLO AINDA EXISTE

O Dom fafe, de nome científico Pyrrhula pyrrhula, evoluiu entre nós de tal maneira que veio dar origem a uma nova espécie endêmica, o priôlo, conhecido nos meios científicos por Pyrrhula murina.

Com a vinda de vários cientistas à Região Autónoma, nomeadamente ornitólogos, o priôlo foi inicialmente considerado uma subespécie, Pyrrhula pyrrhula murina, pois não foram registados dados que justificassem o seu afastamento relativamente ao Dom fafe.

No entanto, e com o evoluir da Ornitologia, aquando da vinda posterior de outros ornitólogos conceituados, foi possível encontrar provas bastantes que levaram ao aparecimento duma nova espécie para a ciência, concretamente a Pyrrhula murina.

As diferenças nas plumagens destas duas espécies são notórias.

O Dom fafe macho difere da fêmea, pois tem o peito vermelho, ao passo que o da fêmea é cinzento. Ora, no priôlo tal não sucede, tendo esta ave o peito cinzento-amarelado em ambos os sexos, a cabeça preta, bem como as penas das asas e da cauda.

Também no tamanho o priôlo difere do Dom fafe, sendo maior e mais robusto

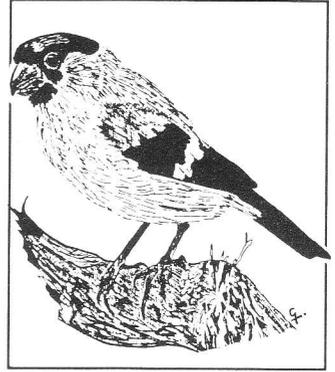
que este. Um facto explicativo da grande semelhança entre o macho e fêmea é a igualdade no que concerne ao número de indivíduos de cada sexo ser aproximadamente igual. Daí que não haja a necessidade do macho tentar ser mais forte que os demais e obter a supremacia, nem tendo de se embelezar para agradar a um número mais reduzido de indivíduos do sexo oposto.

No século passado o priôlo era uma espécie bastante frequente na parte Oriental da ilha de São Miguel.

Desde sempre a sua existência esteve confinada à parte Oriental da ilha, nunca tendo sido avistado a Oeste das Furnas. Em mais nenhuma ilha do arquipélago há lembrança da ocorrência desta ave, e isto talvez se deva ao facto de ser na parte Leste de São Miguel que se mantêm ainda hoje grandes extensões de flora indígena, ótimos refúgios para pássaros de porte semelhante ao do priôlo.

O priôlo chegou a ser considerado uma praga temível, e isto porque atacava árvores de fruto, em especial pessegueiros, causando deste modo estragos nos pomares.

Quem não via tal invasão com bons olhos eram os agricultores que lhe declararam guerra.



Colocaram pesticidas nos frutos, designadamente o fatal DDT, conseguindo destronar destas paragens o priôlo.

A Pyrrhula murina foi de tal modo perseguida que se viu forçada a recuar sempre e cada vez mais até zonas mais fechadas e de mata.

O priôlo é uma ave tímida, não muito bonita, não havendo por isso justificação para a sua captura. Não se adapta à vida em cativeiro, mesmo sendo nela mantido desde a nascença.

Posto tudo isto, o priôlo é hoje em dia uma espécie em vias de extinção caso não seja acarinhado pelas nossas gentes. É necessário protegê-lo das agressões do meio, pois existindo em baixíssimos números é difícil assegurar a sua perpetuação.

MARCO DE BETTENCOURT GOMES

## GARÇAS - REAIS ALVO DE CAÇA

A notícia chega-nos do Faial, mais exactamente do Núcleo Regional dos Açores da Quercus.

É que nem todos gostam de apreciar de longe o seu bailado gracioso.

### O BAILADO FATAL DA GARÇA

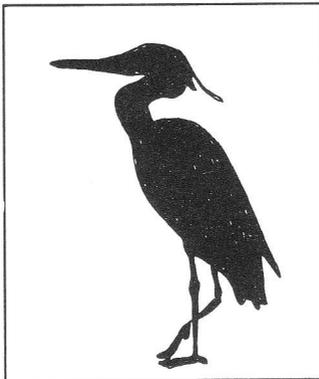
No tema musical da série televisiva Xalles Negros evoca-se a beleza do "bailado da garça".

Na ilha do Faial, e no espaço de algumas semanas, foram abatidas algumas garças-reais.

Dois factos, duas formas distintas de olhar o mesmo fenómeno: o eterno regresso das garças aos Açores para uma estadia invernal.

E, como é indispensável conhecer para proteger, propomos ao leitor este pequeno texto sobre a vida destas aves.

A garça-real é uma das últimas grandes aves aquáticas europeias. Mede 90 cm. de comprimento e 170 cm. de envergadura e pesa cerca de 1.5 a 2 kg. Numa plumagem discreta, mas de grande beleza, diversos tons cinzentos contrastam com o branco e o negro. Alimenta-se de peixes, insectos e ratos, que captura com rapidez e eficácia, para obter as cerca de 500 gramas de alimento que necessita diariamente. Quando existem presas em abundância, por exemplo perante uma praga de ratos ou uma praga de gafanhotos, a garça-real consegue viver mesmo sem água. As garças-reais são aves



migradoras. Ainda antes do fim dos degelos regressam às suas principais áreas de nidificação, na Europa Central. Al criam em colónias, algumas das quais são muito antigas, com várias centenas de anos. Durante o acasalamento as aves recorrem a um ritual rico em gestos que permite dominar a agressividade instintiva, transformando-a numa série de comportamentos que podemos apelidar de cortesia galante. Quando as aves jovens se encontram em condições de voar, partem em longas migrações para os locais de invernada na Europa do Sul e Ocidental, atingindo, a sul, o Norte de África e, a oeste, os Açores.

Todos os anos chegam às diversas ilhas do Arquipélago em grupos pouco numerosos, em busca de condições favoráveis para passar o Inverno. Algumas partem na Primavera seguinte, enquanto

outras permanecem durante alguns anos. Pensa-se mesmo que a espécie pode ter nidificado nos Açores num passado recente.

É uma ave geralmente respeitada pelas pessoas, chegando a reproduzir-se no interior de grandes cidades como Estocolmo e Amesterdão.

Mas...voltando aos Açores: Para quando um programa coerente e continuado de educação ambiental?

Para quando um corpo de vigilantes da Natureza?

Não se sabe. Entretanto o bailado da garça continuará a ser recebido de forma tradicional: a tiro. É que ainda existem atavismos pliocénicos perturbados pela beleza das aves na paisagem açoriana.

### *Aconteceu no Faial.*

*Cá em São Miguel também as Garças-reais ocorrem, se bem que esporadicamente.*

*Esperemos que tal não volte a suceder.*

*Porque a existência desta ave não pode ser posta em causa pura e simplesmente pelo prazer de alguns em detrimento do equilíbrio natural.*

*"Xalles Negros" era uma novela. Não queiramos que o bailado da garça seja apenas o tema musical dessa produção.*

## EXPERIÊNCIAS

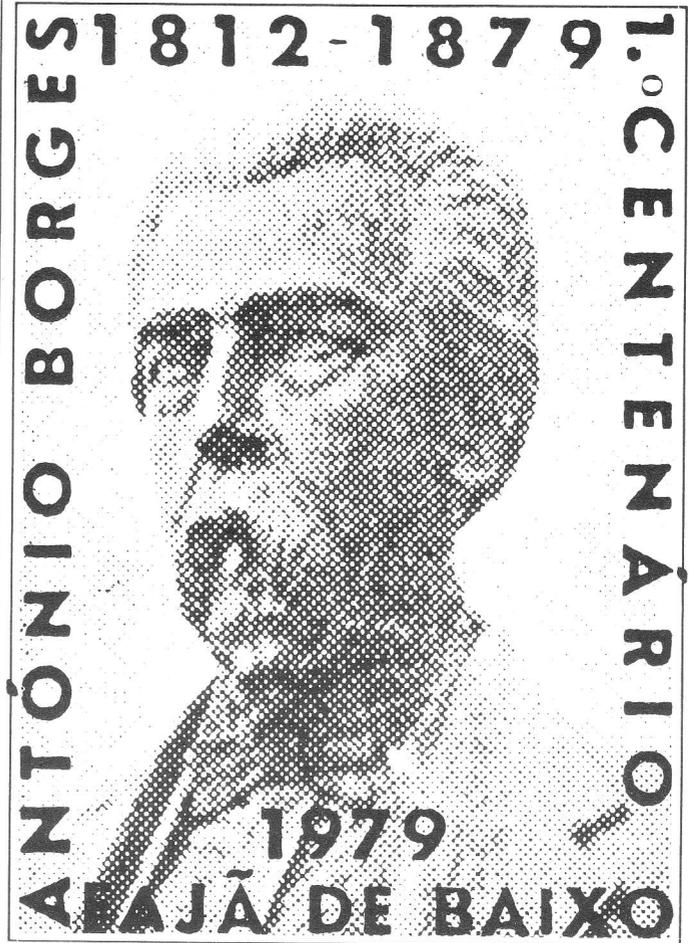
### EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA FREGUESIA DE FAJÃ DE BAIXO

A actividade ambiental da Junta de Freguesia de Fajã de Baixo tem sido orientada em duas direcções distintas, embora, necessariamente, complementares. Por um lado, a insistência na mudança dos comportamentos individuais em relação à conservação da natureza e ao cultivo de plantas e flores, como forma de alegrar e valorizar os espaços públicos e, em geral, todo o ambiente em que se desenvolve e se possibilita a vida colectiva. Por outro, a manutenção do estado de asseio das ruas, largos e outros locais, como condição determinante para a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos, residentes ou simplesmente de passagem.

Não tem sido tarefa fácil, conhecida que é a propensão dos povos dos subúrbios para a imitação dos aspectos negativos da vida das cidades, sem cuidarem de absorver os valores mais positivos e dignificantes.

Mesmo assim, com as acções empreendidas no dia a dia - sem excluir o próprio contacto directo e personalizado - muito já foi conseguido no campo da persuasão, ficando a certeza de que ainda muito mais está por fazer, porque se trata de um trabalho que nunca poderá terminar.

Neste sentido, a conclusão, prevista para breve, da obra de recuperação da sede administrativa vai permitir a utiliza-



ção do imóvel como espaço ou centro cultural da freguesia, sendo certo que a faceta da educação ambiental será fonte de inspiração para todas as actividades, quer se trate de exposições temáticas, palestras, colóquios e mini-curso, quer esteja em causa o simples apetrechamento da Biblioteca da Freguesia em tão importante capítulo.

A freguesia de Fajã de Baixo procurará, deste modo, honrar a sua qualidade de local de nascimento de António Bor-

ges da Câmara Medeiros (1812 - 1879), uma das mais notáveis figuras açorianas do século XIX, cuja actividade preferencial foi a de praticar, com êxito, a aclimação de espécies vegetais estranhas à flora indígena dos Açores, como o testemunha o riquíssimo património botânico do parque da cidade, conhecido, justamente, por Jardim de António Borges.

# O PAPEL DA FLORESTA NA REGIÃO AÇORES (conclusão)

## A SILVICULTURA

A silvicultura é a arte de conjugar os factores descritos, conciliando a produção de fibra com os equilíbrios ambientais e outros serviços.

O dilema da Silvicultura consiste em determinar onde colocar o fiel da balança. De um lado, a filosofia que encara a floresta como um cultivo de fibra, semelhante a qualquer cultura agrícola, incluindo a monocultura extensiva. No outro, a de que a floresta tem outros usos importantes e não pode ser encarada apenas nesta perspectiva, tendo, por isso, de ser criada como uma estrutura de uso múltiplo, cedendo as altas produções monoculturais ao fornecimento de outros bens que, no somatório, se revelam mais rentáveis do que a produção de fibra por si.

No entanto, e infelizmente, o sector silvícola tem-se, nos Açores, regido muito mais pelo primeiro princípio do que pelo segundo, e as excepções existentes são - no muito mais obra do acaso e imposição das circunstâncias do que um cuidadoso planeamento.

Tal como nos é historicamente característico, optámos pela monocultura como forma de, a curto prazo, tirar o máximo rendimento da área implantada. Como resultado, de um património florestal rico restam-nos apenas o eucalipto para passar a papel e a criptoméria para gastos internos e deleite dos técnicos de marketing, em extensas manchas homogéneas por todo o lado onde a pastagem não conseguiu chegar. Parece que também na silvicultura de nada serviram as experiências da monocultura dos cereais, da laranja e, num futuro próximo, da pastagem, nem tão pouco os bem fundamentados estudos ecológicos.

E já alguns dos problemas esperados se fazem sentir: a dependência do exterior para todo o tipo de madeira de qualidade é total; o desequilíbrio no ciclo hidrológico torna-se evidente; a explosão de infestantes que acompanham estas monoculturas toma, por vezes,

aspectos alarmantes, como é o caso da Roca-de-velha (*Hedychium Gardnerianum*); as percas de solo são grandes, já que todo o povoamento atinge a idade de corte simultaneamente, e o abate e arrastamento dos troncos coloca a nú um solo despido de qualquer outra espécie que contribua para a sua retenção, perdendo-se irremediavelmente com as primeiras chuvas.

Por acaso, salvam-se na região duas situações: Os eucaliptais e a floresta espontânea.

O eucalipto, espécie de crescimento rápido tem, por isso, elevados gastos em água e, onde esta escasseia, cria condições (por alelopatia) de eliminação de quaisquer outras espécies, originando povoaamentos de baixa diversidade que, rapidamente, esgotam o solo.

No entanto, nos Açores, particularmente na ilha Terceira, onde os eucaliptos ocupam cerca de 2500ha, a grande quantidade de água disponível torna desnecessário a competição e permite crescimentos a taxas excepcionais que, coexistindo com um sub-bosque denso e diverso, constituem os povoaamentos florestais mais ricos da região.

Desse facto deve-se a protecção de algumas espécies autóctones, como o louro-da-terra (*Laurus azorica*), quase extinto em S. Miguel e relativamente frequente na Terceira. Actualmente, estas florestas são as que, nos Açores, melhor se pode aplicar os princípios de uso múltiplo, quando se atende a duas condições: uma implantação devidamente planeada (evitando bacias de recepção, etc.) e um corte correcto e cauteloso, mantendo o sub-bosque evitando a erosão.

A floresta espontânea é, sem dúvida, o maior património natural dos Açores, tão mal aproveitado e explorado nas suas potencialidades.

De uma riqueza florística extraordinária, constitui uma das últimas florestas virgens da Europa e das mais antigas. É, por isso, degradante assistir-se à substituição

destas valiosíssimas relíquias pela monocultura da criptoméria, quando numerosos baldios e solos florestais são deixados por ocupar com uma plantaçao eficaz.

Em todos os pontos de interesse e importância da floresta, este coberto recebe pontuação máxima, exceptuando a produção de fibra, na forma como é gerido actualmente. No entanto, no seu interior desenvolvem-se espécies com madeiras de boa qualidade que urge proteger e incentivar a sua produção, certo que lenta, mas nunca disponível se não a prepararmos agora. Os benefícios subsidiários serão, de longe, altamente compensatórios, tornando este coberto dos mais rentáveis. Bastará pensarmos, para além da madeira (onde o cedro-do-mato terá primazia), na regularização e purificação das águas nas bacias hidrográficas importantes, no turismo de qualidade, na protecção de solos e inibição dos efeitos da erosão.

Não só mas também, faz-se sentir, nesta área, a necessidade de um planeamento global da região, assente na capacidade dos solos que dispomos em princípios ecológicos correctos. Mas, paralelamente a este esforço, outro terá de se desenvolver, no sentido de reconstruir um património silvícola de qualidade, nas zonas onde não seja conveniente o coberto natural, com a implantação de florestas mistas, recuperando espécies de valor e melhorando as condições dos ecossistemas florestais.

Perde-se no tempo já o tradicional valor das madeiras dos Açores, onde, para além das autóctones, se encontravam frondosas florestas de folhosas, como o vinhático (*Persea indica*), a tilia (*Tilia sp.*), a rabénia (*R. pseudoacacia*), os carvalhos (*Quercus spp.*), ou de resinosas como os cupressos, o teixo (*Taxus baccata*) e os pinheiros (*Pinus spp.*), contribuindo para um património florestal rico e diverso que maximize a produção em equilíbrio com a preservação do património.

**Eduardo Dias**  
(Assistente da U. Açores)

## BREVES

### ENCONTRO NACIONAL DAS ADA

Realizou-se, em Viseu, nos dias 10, 11 e 12 de Novembro, o Encontro Nacional das Associações de Defesa de Ambiente que teve como objectivo principal discutir e encontrar formas organizativas mais consentâneas para as ADA no actual contexto e debater orientações estratégicas sobre grandes temas do Ambiente.

A Associação Ecológica Regional "Amigos dos Açores" esteve presente no Encontro através de dois membros da sua direcção. No decorrer dos trabalhos, para além da apresentação de quatro moções, foi exposta uma comunicação sobre "A Floresta Primitiva dos Açores". A Associação participou ainda numa Exposição, através da apresentação de dois painéis.

### JARDIM DO PICO DA PEDRA RECEBE PLANTAS DE LONDRES

Já se encontram plantadas, em viveiro e no Jardim da Casa do Povo do Pico da Pedra, trinta plantas provenientes de Londres, oferta dos Kew Gardens aos AMIGOS DOS AÇORES.

### Clube Bio-ecológico Amigos da Vida Selvagem é Amigo dos Açores

Por proposta do NOATA, o Clube Bio-ecológico Amigos da Vida Selvagem associou-se aos Amigos dos Açores no mês de Novembro de 1989.

Este Clube, com sede em Alcanena, é constituído essencialmente por jovens e tem pautado a sua acção tendo em vista a defesa e protecção da Natureza e da avifauna, em particular.

Os Amigos da Vida Selvagem têm realizado sessões de anilhagem de aves, cursos de ornitologia e diversas saídas de campo.

À semelhança da nossa Associação, também eles participaram no encontro de Associações de Defesa do Ambiente.

É provável que se venham a efectivizar actividades conjuntas através de intercâmbios, o que fortalecerá ainda mais a nossa acção em prol de toda a fauna ornitológica, assim como de todo o ambiente em geral.

### NÚCLEO DE ORNITOLOGIA SALVA CAGARRO

No passado mês de Dezembro coube ao NOATA a tarefa de salvar um cagarro juvenil que havia caído num quintal de Ponta Delgada.

Alguns elementos do NOATA entraram em contacto com a proprietária do quintal, tendo a jovem ave sido identificada como pertencente à família das pardelas (Calonectris diomedea borealis), apresentando um aspecto bastante robusto e saudável.

Após ter sido registado e fotografado foi posto em liberdade, voando horizonte fora, indo juntar-se aos seus.

Pelo facto do quintal ser fechado com a copa das árvores a ave não conseguiu levantar voo. O cagarro é uma ave de arribação que passa o Verão nestas nossas ilhas, estando os juvenis aptos a voarem em meados de Novembro.

### ENDEREÇOS ÚTEIS:

AMIGOS DOS AÇORES /  
ASSOCIAÇÃO ECOLÓGICA  
Apartado 29  
9500 Ponta Delgada  
Telef: 91774

FRANCISCO BOTELHO  
Rua das Almas, 3  
Pico da Pedra  
9600 R. Grande

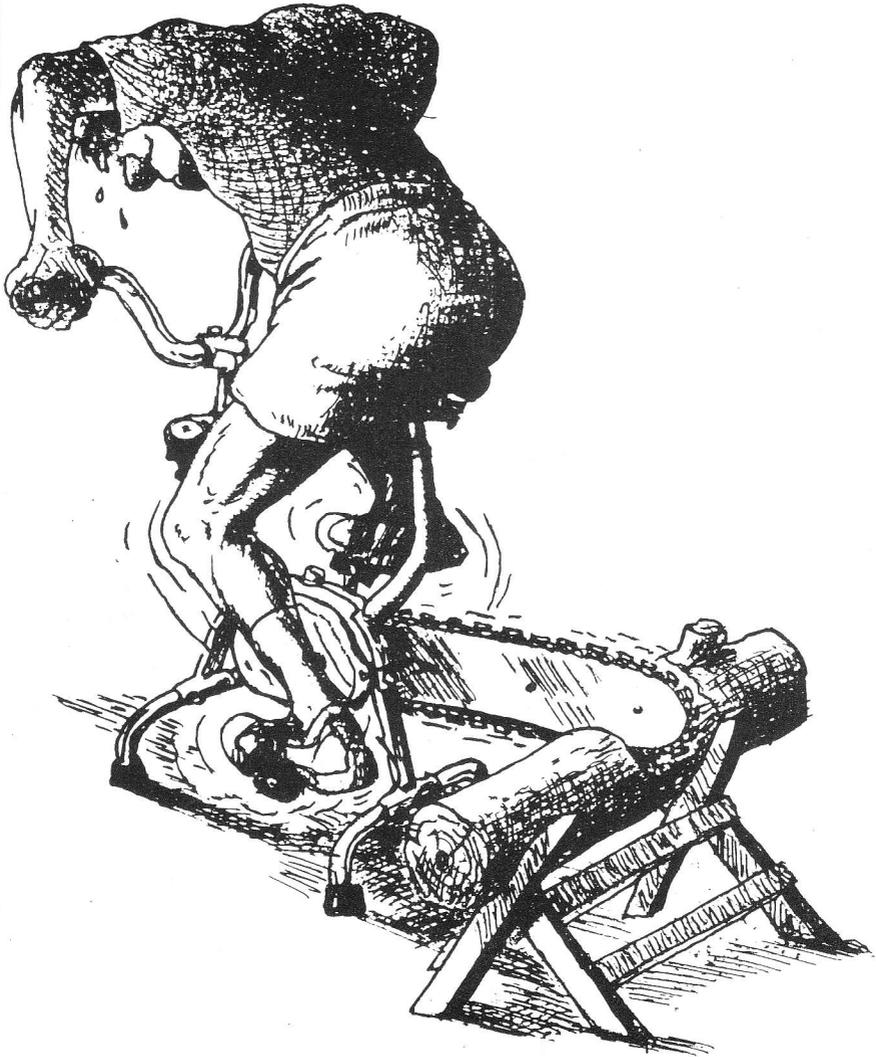
TEÓFILO BRAGA  
R. Capitão Cordeiro  
Pico da Pedra  
9600 R. Grande  
Telef: 91774

GEORGE HAYES  
Telef: 31820

GUALTER CORDEIRO  
Telef: 27245

NÚCLEO DE ORNITOLOGIA  
a / c Marco Paulo Gomes  
Telef: 26526

# HUMOR



IN INTEGRAL

Apoiaram a Edição deste boletim:

CASA DA CULTURA DE PONTA DELGADA  
DIRECÇÃO REGIONAL DOS ASSUNTOS CULTURAIS